

O uso abusivo de drogas como signo da sociedade do consumo

The abusive use of drugs as a sign of the consumer society

El consumo abusivo de drogas como signo de la sociedad de consumo

L'usage abusif des drogues comme signe de la société de consommation

CAMILA DE SÁ LIMA

JAMILE LUZ MORAIS MONTEIRO

No presente artigo buscou-se compreender o fenômeno do uso abusivo de drogas na sociedade do consumo como sendo um sintoma no campo do social, apresentando-se como um signo da sociedade do consumo. Aborda o lugar que a droga foi assumindo ao longo das mudanças discursivas presente na história, evidenciando o estatuto de mercadoria que ela ganha na contemporaneidade, pelo viés da sociedade dos consumidores; bem como a modalidade de gozo presente nesse uso abusivo, impondo-se como algo que foge a lógica fálica, articulando-se ao gozo do Outro. Por fim, discute-se que o modo de gozo no abuso de drogas representa um fenômeno paradigmático da sociedade do consumo, quando o sujeito, ao invés de consumir a droga, é consumido por ela, tornando-se objeto de consumo através de um capitalismo sem regulação dos mercados.

Palavras-chave: Uso abusivo de drogas. Sociedade do consumo. Psicanálise. Gozo.

O intuito deste trabalho centra-se em discutir, pelo viés da psicanálise, o *pathos* presente no uso abusivo de drogas como um fenômeno que transborda e que, portanto, representa um paradigma na Sociedade do Consumo. No campo da psicanálise, a discussão em torno do uso abusivo de drogas, muitas vezes, é localizada através do termo “toxicomania”. Para Santiago (2001), a expressão “toxicomania” é originária da psiquiatria do século XIX, que a coloca como uma categoria clínica específica caracterizada pela compulsão por atos maníacos. Este autor, ao se utilizar do termo “toxicomania” e trazê-lo para o terreno psicanalítico, propõe uma ruptura com o modelo empreendido pela psiquiatria, pois afirma que a toxicomania é produto de um discurso onde a subjetividade encontra-se achatada, como se o Sujeito do inconsciente não entrasse em questão.

Diante disso, cabe esclarecer que, neste trabalho, não trabalharemos com a noção de toxicomania, pois entendemos que o mais importante é discutir como o sujeito se relaciona com o objeto droga, considerando o contexto da sociedade do consumo que agencia essa relação. Isto posto, concordamos com Vianna (2014, p.):

Não é possível falarmos de um perfil específico daqueles que fazem uso de uma substância psicoativa. Segundo o psicanalista francês Marcos Zafiropoulos (1994, p. 18), “o toxicômano não existe”. O que existe são diferentes sujeitos que fazem uso de diferentes substâncias, cada um a seu modo, pois a droga ocupa uma função singular para cada um deles. É sob este aspecto singular do uso que a psicanálise traz contribuições ao tema.

Neste sentido, a psicanálise concebe o uso abusivo de drogas como um fenômeno que sinaliza sofrimento do sujeito que consome a droga e, por sua vez, está articulado a uma estrutura discursiva que agencia modos de subjetivação que ultrapassam a barreira do que Freud (1920/2006) chamou de princípio do prazer. Longe de tomar uma atitude policialesca ou moralista no que se refere ao uso abusivo de drogas, nosso objetivo com este artigo é evidenciar como o objeto droga, ao ser capturado pela lógica do consumo, enquadra-se em uma modalidade de sofrimento que denota a radicalidade do consumo (FERREIRA, 2016). A ideia é abordar a compulsão pelo consumo de drogas como um novo modo de mal-estar que sinaliza um furo na sociedade dos consumidores: o usuário, ao consumir a droga, acaba sendo consumido por ela.

Um dos caminhos que a psicanálise busca investigar esse uso abusivo tem a ver com a relação desregrada que o sujeito estabelece com a droga, partindo de um viés oposto e crítico daquilo que é proposto pelo saber disfarçado de ciência, pois esta, de acordo com Santiago (2017), ao tratar apenas do caráter tóxico da droga, acaba excluindo aquilo que diz respeito ao que a psicanálise, no ensino de Lacan (1969-1970/1992), chama de gozo.

Desta forma, conceito de gozo, a partir de Lacan, não coaduna com a noção de prazer. Lacan (1969-1970/1992) fala do gozo a fim de se referir aquilo que transborda ao princípio do prazer, sendo o que traz, ao mesmo tempo, satisfação inconsciente e sofrimento à consciência. Nas palavras de Lacan:

Eis porque podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer – não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo (LACAN, [1969-1970] 1992, p. 81).

Lacan associa o conceito de gozo à pulsão de morte apresentada por Freud em 1920. Ao apontar para os fenômenos da compulsão à repetição de atos causadores de sofrimento, o aparelho psíquico busca ir além do princípio do prazer, indo em direção à morte, à pulsão de morte. Ao se perguntar o motivo pelo qual isso acontece, Freud (1920/2006) conclui que o aparelho psíquico não obedece apenas a pulsão de vida, mas também às pulsões de autodestruição. Nesta direção, Lacan (1966/2001) aponta que o gozo é distinto do prazer, sendo este último uma barreira ao gozo.

Segundo Valas (2001), as manifestações de dor e sofrimento bem como os fenômenos da repetição, como o uso abusivo de drogas, incluem-se no campo do gozo, uma vez que diz respeito ao que rompe com o princípio do prazer. Pretendemos, com este artigo, discutir sobre esse uso abusivo sob a ótica do gozo, considerando o panorama da sociedade do consumo.

Quando falamos de um consumo excessivo de drogas, aludimos a um mal-estar relacionado às adições e aos efeitos químicos causados pelas drogas diversas, quando as mesmas passam a representar uma mercadoria que ordena um certo tipo de gozo. Sendo assim, faz-se mister destacar que, no estudo em questão, quando falamos de um uso abusivo de drogas, é para diferenciar do uso recreativo, a considerar a relação de

autodestruição que caracteriza o uso excessivo, “ocupando um lugar central na vida do sujeito” (VIANNA, 2014, p. 301).

No âmbito da sociedade de consumo, as drogas se constituem como um objeto que oferece uma satisfação imediata àquele que a consome, como fazendo parte da proposta feita pelo mercado que oferece produtos como bens de consumo que servem para o prazer e satisfação imediata. É importante salientar que Freud (1930/2011), no “Mal-estar na Civilização”, já apontava o consumo de drogas como alternativa de lidar com o mal-estar, oriundo da renúncia pulsional. O que se vê na atualidade, deste modo, não se apresenta como um fato novo, entretanto, o que ressaltamos aqui é como este fato no campo do social vai tomando outros contornos, considerando especialmente o contexto da sociedade do consumo. De acordo com Tondim, Neta e Passos (2013):

[...] as drogas podem se apresentar como o objeto ideal, principalmente comercial, dada sua capacidade de gerar a necessidade de repetição do consumo de um produto em destaque na atualidade, que confere ao usuário um status de poder e pertencimento a um grupo social (TONDIN, NETA & PASSOS, 2013, p. 490).

Desta maneira, o uso excessivo de drogas configura-se como um sintoma que reflete um mal-estar consequente do “discurso de uma sociedade imediatista, consumista e desigual, insatisfeita constantemente e que busca nos objetos de consumo a tentativa de aliviar seu mal-estar” (TONDIN, NETA & PASSOS, 2013, p. 490). À vista disso, pode-se acrescentar o que Kehl (2009) considera acerca do sintoma social, como um sintoma que aparece no sujeito como reação a uma ordem social vigente, podendo ser definido por um “desacordo com a normatividade social que acaba por denunciar as contradições do discurso do Mestre” (KEHL, 2009, p.23).

Dessa maneira, é possível pensar na articulação entre o uso abusivo de drogas e a sociedade de consumo, considerando a formulação de sintoma social de Kehl (2009) como aquilo é posto socialmente – como as configurações, o modelo de funcionamento e os imperativos da sociedade do consumo – e de algo que faz parte do sujeito. Logo, a autora afirma que “uma parte das manifestações do sujeito do inconsciente diz respeito aos restos não simbolizados da ordem social, restos estes excluídos do campo dos fenômenos que a língua é capaz de decifrar” (p. 26).

Na direção do que Freud (1921/2011) apresenta em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, quando afirma que toda psicologia individual é desde o princípio,

psicologia social, é que a finalidade deste trabalho é pensar a articulação do subjetivo com o social, refletindo como o consumo abusivo de drogas, ao mesmo tempo em que é estimulado pela sociedade do consumo, revela o seu fracasso quando o sujeito cai em sofrimento quando entra em cena a dependência química.

Antes de propriamente tecermos essa discussão, é preciso realizar uma breve incursão sobre a concepção da droga enquanto *phármakon*, evidenciando as mudanças de posição que ela foi ocupando até assumir o estatuto de mercadoria na contemporaneidade, no panorama da sociedade do consumo.

O *phármakon*: da antiguidade à contemporaneidade

Para pensar o uso abusivo de substâncias na atualidade, Ferreira (2016) aponta que não basta analisar a partir de uma contextualização histórica linear do uso de drogas, mas também deve-se considerar as torções inerentes às lógicas discursivas. Portanto, apresentamos a trajetória do consumo de drogas em diversos momentos da história até a contemporaneidade, abordando as construções discursivas em torno da droga, partindo do ponto da importância que determinadas substâncias psicoativas têm em cada cultura e dos significados que lhes eram atribuídos, levando em consideração que os elementos da historicidade se exprimem “no desvelamento dos diversos modos de operação da verdade sobre o efeito do *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 76, grifo do autor).

No que se refere às drogas, Santiago (2017) define que estas possuem múltiplos usos e estilos de interpretação, possuindo uma profunda suscetibilidade aos efeitos da linguagem, o que a torna um verdadeiro símbolo no domínio da ficção. Logo, podemos pensar nas drogas levando em conta a sua suscetibilidade aos diversos efeitos de sentido, que possui uma dimensão insondável e inatingível, não havendo possibilidade de produzir uma conceitualização ou objetivação do símbolo, dado que para o autor a experiência com a droga é simbolizada pelo real, ou seja, o que Lacan (1964/2008) apresenta como inominável no território das palavras.

Estima-se que o uso de substâncias psicoativas está presente na humanidade há mais de 5 mil anos, através do uso ritualístico de plantas psicoativas. Desde o período da antiguidade que as drogas estão presentes entre os seres humanos e, ao longo da história da humanidade, as substâncias psicoativas vêm ocupando lugares importantes nas diversas culturas como veículo de cura, devoção e identidade étnica (CARNEIRO, 2014).

Na antiguidade remota, os seres humanos já compartilhavam um saber acerca da manipulação de plantas e fungos com princípios psicoativos. Este saber “sempre se fundamentava na experiência do homem, ligada ao discurso latente do mito” (SANTIAGO, 2017, p. 49). Para mais, podemos acrescentar o que Ferreira (2016) salienta acerca do pensamento mágico, no qual se expressa dentro de um discurso próprio, dado que “surge a emblemática figura do xamã, que representa uma espécie de guardião da prática mágica” (FERREIRA, 2016, p.25).

O saber xamânico pode se apresentar por meio textual e através de técnicas do corpo, como a dança, música ou pelo uso de substâncias psicoativas. Além disso, podemos destacar que, para Escohotado (2017), o xamanismo é definido como uma união entre a religião, cura e magia, cuja administração de plantas psicoativas, de estados de êxtase e transe, está presente tanto em adivinhações mágicas, quanto em cerimônias religiosas e em terapias. Ou seja, os processos de cura estavam diretamente relacionados com a experiência ritualista, logo, nesse momento, o uso de substâncias psicoativas possuía finalidade de conexão com o divino no qual também seria capaz de promover cura.

Sobre o uso psicoativo de plantas no xamanismo, estas se constituem como um instrumento de reafirmação cultural e de encontro com o divino. Ao ser ingerida como forma de sacrifício, a alteração de consciência provocada pela substância seria capaz de revelar o conhecimento para o xamã e os membros da tribo (ESCOHOTADO, 2017). Assim, o uso de plantas psicoativas é capaz de provocar uma alteração na percepção do mundo, que atua como um deflagrador do transe xamânico, levando o xamã a lugares que habitam o sobrenatural (SANTIAGO, 2017).

Na prática mágica, o consumo da droga é executado como um componente simbólico inscrito dentro da estrutura discursiva do mito - não podendo ser determinado dentro de uma realidade objetiva, ou seja, fora do contexto discursivo do mito. Nesse sentido, “a ação dessas substâncias no transe xamânico é subsumida pela hipótese de um significante a mais, de um significante ‘deflagrador e amplificador do discurso latente’ das sociedades míticas” (SANTIAGO, 2017, p. 53, grifo do autor), onde esse significante é capaz de movimentar o discurso latente em cada cultura. Ademais, em cada cultura é produzida uma estrutura mítica diferente sobre o uso de uma determinada substância.

O saber xamânico sobre as substâncias da natureza se produz por meio do uso do ritual de cogumelos, peiote, ayahuasca, tabaco, entre outras espécies, sendo que o uso

desses vegetais esteve presente especialmente entre os povos aborígenes da América (SANTIAGO, 2017). Por outro lado, devemos ressaltar que o uso de plantas psicoativas nas culturas míticas, não pode ser encarada precisamente como droga, pois, para Santiago (2017) é imprescindível que se verifique “a visão etnocêntrica da prática da droga nas sociedades míticas, conservando-se esta no lugar de um correlato contingente do sujeito xamanizante” (p. 60).

A droga, em seu caráter de símbolo, está suscetível aos diversos efeitos de sentidos, aparecendo como *phármakon* desde a Antiguidade Clássica, onde é possível notar em diversos textos a menção ao termo *phármakon*, como na “Odisseia” de Homero, na peça “O doente imaginário” de Molière, entre outros (SANTIAGO, 2017).

Na Grécia Antiga, com Hipócrates e Galeno, surge o conceito do *phármakon*, que de acordo com Escohotado (2017) se configura como uma substância que, na quantidade adequada, é capaz de curar uma enfermidade, podendo, em excesso, configurar-se como veneno. Nesse sentido, os efeitos de sentido do *phármakon* possuem um caráter enigmático, mostrando assim a natureza inefável da droga (SANTIAGO, 2017). Com base nisso, nota-se o aspecto ambíguo e o deslizamento de sentido do efeito *phármakon*, reforçando a ideia da impossibilidade de uma conceituação objetiva do que seria a droga.

Na Grécia Antiga, o *phármakon* aparece dentro de um jogo de símbolos, introduzido na tentativa de nomear aquilo que está no campo do real, constituindo-se como um guardião de uma verdade a ser decifrada (SANTIAGO, 2017).

Essa versão do *phármakon* como símbolo atesta a ilusão de que o significante pode responder pela representação do significado. Mais precisamente, esse jogo do símbolo fundamenta-se na ideia de que o *phármakon* seria capaz de responsabilizar-se pela sua existência, a título de alguma significação (SANTIAGO, 2017, p. 30).

Até o século XIX, o *phármakon* era obtido exclusivamente em sua forma vegetal (SANTIAGO, 2017). Com o surgimento da farmacologia passou-se a isolar em laboratório o princípio ativo das plantas psicoativas, o que teve como consequência o surgimento de drogas conhecidas atualmente como a morfina, cocaína, cafeína, heroína, mescalina, além dos primeiros remédios para dormir e a anfetamina. Isto posto, “assistiu-se ao nascimento de um interesse extraordinário por muitas espécies de substâncias, que eram consideradas, umas mais, outras menos, como agentes do efeito *phármakon*” (SANTIAGO, 2017, p. 64).

Nessa nova modalidade discursiva da ciência, no século XIX, há o crescimento da indústria farmacêutica, onde o uso de drogas em forma de medicamentos assumiu uma função de controle da mente. Para Ferreira (2016), “a intervenção da psicofarmacologia científica foi legitimada socialmente com a promessa de proporcionar bem-estar” (p.42).

Ainda de acordo com Ferreira (2016), no campo da química, os métodos modernos de análise e pesquisa transformaram as substâncias tóxicas em significantes na natureza. As substâncias psicoativas passam a ser categorizadas como substâncias químicas, que conforme Santiago (2017) “se decompõe como um algoritmo, inteiramente desprovido de significações” (p.72). Na era da ciência há, portanto, um esvaziamento do efeito do *phármakon*. A partir daí, o *phármakon* torna-se droga. Isso, por sua vez, ocasionou em uma perda de toda a amplitude de significações existentes nas substâncias psicoativas que estavam presentes em outros contextos discursivos, forcluindo a verdade do efeito *phármakon*, sendo reduzida apenas ao que é tóxico da droga (FERREIRA, 2016).

Com o deslocamento do efeito *phármakon*, a droga que antes era substância da natureza, transforma-se em categoria de objeto, pois segundo Ferreira (2016) “o que acontece, portanto, é que as substâncias psicoativas perdem sua bagagem histórica, cultural e ritualística, convertendo-se em transformações discursivas de instrumentalização, administração e colonização dos corpos” (p. 42).

Por outro lado, podemos destacar com Birman (2014) que, no ocidente do século XIX, o uso de drogas possuía uma finalidade de contemplação, sendo usada por artistas e, inclusive, no meio político, como um instrumento capaz de abrir portas para a reflexão. Ainda no século XX, por volta das décadas de 50 e 60, o consumo de substâncias fazia parte de movimentos políticos e contraculturais como forma de protesto ao modelo político vigente. “A utilização de drogas se inscrevia efetivamente num projeto existencial, ético e político de transformação do mundo” (BIRMAN, 2014, p. 25).

Birman (2014) aponta para uma nova forma de subjetivação produzida a partir da cultura da performance presente na contemporaneidade, que acaba por evidenciar uma transformação no uso de drogas na atualidade, que diz respeito não apenas às drogas ilícitas, mas também às utilizadas pela medicina. Desta maneira, a indústria farmacêutica e o tráfico passam a se desenvolver na mesma proporção, com o diferencial que os psicofármacos são legalizados e vendidos com prescrição médica para finalidades terapêuticas.

No que concerne ao abuso de substâncias na contemporaneidade, Ferreira (2016) destaca que “a droga se torna *droga do toxicômano*, a partir do momento em que a ciência estabelece uma união estável com o capitalismo, e daí com o advento da psicofarmacologia” (p. 51, grifo do autor). Nesse sentido, a droga se torna um objeto e consequentemente um bem de consumo. Em meio ao esvaziamento de sentido da experiência do uso de substâncias psicoativas, o efeito da verdade do *phármakon*, foracluído pelo discurso de uma pseudociência, retorna na toxicomania (SANTIAGO, 2017).

A toxicomania, como um efeito do discurso travestido de ciência, leva em consideração os desdobramentos do Outro como posição de inscrição que não assume uma posição estável, estando aberto às mudanças conforme às circunstâncias da história. (SANTIAGO, 2017). Ora, se o sujeito se situa a partir de uma relação com o saber, podemos dizer que, na atualidade, o saber que determina o sujeito está calcado em uma pseudociência que, associada ao capital, oferece-se como mais uma mercadoria na sociedade do consumo. Nossa intenção não é colocar a ciência em uma posição maniqueísta em relação à psicanálise, até porque, sabemos que a própria psicanálise é produto de um discurso de uma época, sendo ela efeito da ciência moderna cartesiana. Apontamos para uma mudança no estatuto da ciência que, por sua vez, agencia uma outra forma do sujeito se relacionar com ela. Se, anteriormente, o saber em questão estava cunhado na magia e na religião, assistimos na contemporaneidade um assujeitamento a saber pseudocientífico que, por sua vez, tende a objetificar o sujeito, esvaziando a experiência do consumo de drogas. É nesta via que as configurações de sofrimento mudam à medida em que muda o discurso que estrutura uma sociedade, ao longo da história. Nesta circunstância, a toxicomania assume um lugar de efeito de discurso, justamente como produto das mudanças operadas pela emergência do discurso desta “nova” ciência no mundo (SANTIAGO, 2017, p. 37). A seguir, apresentamos como essa mudança de lugar da droga no discurso articula-se à sociedade do consumo e à produção de uma modalidade de gozo específica.

A sociedade do consumo, falha estrutural do sujeito e a busca do gozo pleno

A sociedade de consumidores é uma sociedade da adicção (BIRMAN, 2014; BETTS, 2004), marcada sobretudo pela produção e pelo consumo excessivo de mercadorias. A maior virtude no qual pode-se dizer que um sujeito pode ter, na sociedade

do consumo, é o poder de compra, logo, para fazer parte de uma organização que tem como nome exclusivo de “sociedade do consumo”, é necessário que os sujeitos imersos nela sejam consumidores (BAUMAN, 2008).

Esta sociedade marcada pelo consumo tem como consequência uma grande produção de mercadorias que são oferecidas aos consumidores com a promessa de que irão satisfazer plenamente os seus desejos. Por outro lado, há uma contradição presente, pois para que o capitalismo continue crescendo é preciso que se consuma cada vez mais, nesse sentido, é falsa a promessa de satisfação plena, pois o sucesso do capitalismo se desenvolve graças a não satisfação dos desejos dos consumidores. Trata-se de uma satisfação momentânea (BAUMAN, 2008). A manutenção do capitalismo se deve à insaciabilidade das necessidades e à instabilidade dos desejos dos sujeitos alinhados ao imperativo de consumo.

A oferta incessável de novas mercadorias produz nos sujeitos novas necessidades e novos desejos. Para que isso sempre ocorra é necessário que as mercadorias sejam adquiridas e descartadas rapidamente em uma lógica que Bauman (2008) denomina de “obsolescência embutida” (grifo do autor, p.45). De acordo com Bauman (2008), a cada nova mercadoria ofertada, são oferecidas novos começos e novas chances de “ressurreição” (grifo do autor, p.66’). Portanto, a promessa de satisfação plena faz com que os consumidores adquiram as mercadorias, mas estas só são capazes de causar uma satisfação moderada, pois a todo momento são lançados novos produtos que abrem portas para o surgimento de novas necessidades, sendo novamente utilizadas as mesmas promessas de satisfação. Dessa forma, somos impulsionados a buscar continuamente por uma satisfação plena oferecida pelo capitalismo e, ao consumirmos, estamos atendendo a essa demanda, o que leva à compulsão e ao vício (BAUMAN, 2008). Uma vez que nunca seremos capazes de nos satisfazer plenamente, iremos buscar repetidamente maneiras de satisfação. Essa é a lógica capitalista que se coloca à sociedade do consumo: a incapacidade de se ver plenamente satisfeito. Aproveita-se da incapacidade inerente do ser humano de se gozar plenamente.

Segundo Ramos (2007), na contemporaneidade, é produzido um saber sobre o gozo que leva os sujeitos ao consumo, no sentido de que há uma convicção construída por meio das propagandas sobre aquilo que é necessário para promover uma satisfação plena. A propaganda “encontra sua eficiência como fiadora do saber do gozo do outro: ela garante esse saber que aliena o outro no fazer e que se repete no ato de consumo”

(RAMOS, 2007, p.103). Dessa forma, a instância do supereu se alia com a imposição de consumo da atualidade, reforçando o imperativo de busca ao gozo pleno. A instância do supereu, uma vez imperando sobre o Eu dizendo: “goza” ou, “ainda não é suficiente”, tem um importante papel no enquadramento da pulsão, relacionada ao mais além do princípio do prazer. É essa instância que contribui para a compulsão à repetição de forma que o Eu entre no circuito de buscar uma satisfação plena, elevada em sua potência máxima. Nas palavras de Vianna (2014):

A compulsão à droga não decorre, portanto, apenas do encontro com a substância. É o sujeito que faz dela o objeto privilegiado de um mecanismo que é próprio da pulsão: a compulsão à repetição, que ignora o princípio de prazer e se apresenta como uma irresistível atração pelo sofrimento (p .303).

Essa atração pelo sofrimento, aliada a um sentimento de culpa e punição é tributária do supereu, mas não daquele supereu herdeiro do complexo de Édipo e sim de um supereu arcaico, primitivo, que serve à pulsão de morte, tal como explicitado por Freud (1923/2011) em “O Eu e o Id”. Não se trata, portanto, da ação do supereu que regula o desejo e o gozo, pela via da falta e da interdição. Trata-se da vertente do supereu que opera no excesso, naquilo que transborda, através de um gozo que escapa o registro simbólico.

Assim, o objeto “droga” da toxicomania, colocado como mais um objeto de consumo, é assumido como um imperativo social, no qual é pregada a ideia de que é possível uma satisfação plena no aqui e agora. A partir da noção de que através do consumo será possível alcançar o gozo pleno, o consumo é colocado no lugar do Outro não barrado e o supereu age colocando o consumidor como sujeito faltante, impondo-o por uma busca pelo gozo pleno. Conforme Baima (2011), sendo o supereu uma instância que vigia e pune, o sentimento de culpa aparece no momento em que há o desencontro com o gozo, com o objeto perdido, no momento em que o sujeito percebe que o produto consumido não lhe trouxe a satisfação plena que esperava. Conseqüentemente, o consumidor irá buscar consumir outros produtos que prometem trazer essa satisfação. Trata-se de uma busca incansável e repetitiva do objeto perdido por meio do consumo, que insere os consumidores em uma lógica de compulsão à repetição. É dessa forma que a sociedade do consumo se configura como uma sociedade da adicção, que não se restringe apenas às drogas, mas a outros objetos de consumo presentes na atualidade.

O uso abusivo de drogas, a droga como mercadoria e o gozo do Outro

É relevante ressaltar que, neste trabalho, ao fazer alusão ao uso abusivo de drogas, referimo-nos tanto às drogas ilícitas (como a cocaína, a maconha, o LSD, o ecstasy e a heroína) quanto às drogas lícitas (como o tabaco, o álcool e os medicamentos psiquiátricos, cafeína e os solventes), capazes de causar dependência química quando usados em excesso (ALARCON, 2012). Tais substâncias, conhecidas como substâncias psicotrópicas ou psicoativas, assim se caracterizam por gerar um tipo de alteração farmacológica que atua no sistema nervoso central e no comportamento do usuário. “Em termos médicos e de assistência, a classificação mais difundida por sua simplicidade e praticidade é aquela estabelecida por Louis Chaloult (1971), que leva em conta o tipo de ação ou efeito farmacológico que as drogas causam no cérebro” (ALARCON, 2012, p. 104).

No que tange o uso de substâncias psicoativas, de acordo com Betts (2004), este consumo aponta diretamente para forma como encaramos e lidamos com o mal-estar na civilização, de modo que as drogas tanto legais quanto ilegais estão sendo cada vez mais procuradas como solução de problemas, assim como Freud (1930/2010) destaca em “O mal-estar na civilização”. “É no real das reações bioquímicas inseridas num contexto de linguagem sgnica que a contemporaneidade procura tornar suportável o crescente mal-estar de viver” (BETTS, 2004, p. 67). Esta maneira de lidar com o mal-estar, segundo Santiago (2017), tem sua eficácia uma vez que visa unificar a divisão da falta-a-ser que tem como consequência “o apagamento dos efeitos dolorosos da divisão subjetiva” (SANTIAGO, 2017, p. 181).

O recurso do toxicômano às drogas se caracteriza como um entre os diversos efeitos que a pseudociência produz no mundo. O advento dessa pseudociência não só permite um acesso ao real, jamais alcançado pela percepção humana, como também cria novos objetos que oferecem ao sujeito meios de uma recuperação da satisfação libidinal. São eles os gadgets. O que caracteriza “o lado fortemente utilitarista desses objetos é o fator que viabiliza o enfoque conceitual da ciência como discurso, portanto, como um dispositivo de saber que produz laço social” (SANTIAGO, 2017, p.177). A ciência fabrica esses produtos e encontra um meio de ligá-los ao desejo do sujeito de forma que a satisfação ocorra por meio desses objetos.

Nesse sentido, as drogas são oferecidas como *gadgets*, como falsa possibilidade do sujeito se remediar com a castração. No entanto, o diferencial da droga em relação aos outros *gadgets* é que o uso ocasional pode se transformar em um objeto fixo de gozo do sujeito, onde a droga pode se tornar um objeto de gozo monótono que rompe com o gozo fálico, via de acesso ao desejo do Outro (RIBEIRO, 2009).

Ribeiro (2009), ao citar Lacan (1976), elucida que a toxicomania é uma tentativa de ruptura com o gozo fálico (um gozo regulado pela interdição do incesto que funda a ordem simbólica). As drogas entram como uma maneira que o sujeito encontrou para evitar se confrontar com a castração, tamponando a angústia que surgiria com o encontro do desejo do Outro, no qual esse desejo é marcado pela impossibilidade de um objeto que satisfaça plenamente, uma vez que o Outro também é barrado (RIBEIRO, 2009).

Santiago (2017) pontua que o toxicômano é concebido como um cínico na era da ciência, “porque ele concorda com esse mandamento universal do gozo, preconizado na sua devoção à satisfação incondicional da droga” (p. 187). Destacando Inem (1998), a toxicomania se configura como um paradigma do discurso capitalista, pois é aquele que em seu consumo há a anulação do sujeito: “o toxicômano é um significante que nomeia não só uma prática de consumo como “con-some” o sujeito” (INEM, 1998, p. 101, grifos da autora).

Em razão da toxicomania estar relacionada ao gozo do Outro, gozo do corpo, dizemos que o sujeito toxicômano é aquele que, na tentativa de ser um consumidor à moda da sociedade do consumo, virou o próprio objeto de gozo. Nesta medida, é possível afirmar que a toxicomania representa o signo do fracasso na sociedade do consumo, revelando uma contradição. Ao mesmo tempo em que a toxicomania é um sintoma produto do discurso da ciência e do capitalismo, sendo o toxicômano um consumidor ideal permanente, por outro lado, ele faz “objeção à utopia universalizante de nossos dias” (LIMA & ALVEZ JÚNIOR, 1998, p. 63), porque se recusa a fazer parte da lógica do gozo fálico, que leva em conta a castração. Tudo o que não quer o toxicômano é se deparar com a castração. Com a droga, tenta fazer a relação sexual existir, de dois fazer-se um.

Segundo Pacheco Filho (2007, p. 35) “talvez o toxicômano chegue perto do modelo ideal de consumidor capitalista: próximo ao objeto que dá origem ao desejo e, portanto, próximo do gozo absoluto e da morte”. Dessa maneira, o toxicômano como o consumidor ideal denuncia o furo existente na sociedade do consumo. Ao consumir a droga desenfreadamente, entrega-se a um gozo mortífero.

Considerações Finais

O uso abusivo de drogas se manifesta como um signo na sociedade do consumo, já que o colapso do sujeito com o objeto é aquilo que esta sociedade visa. O sujeito, ao eleger o objeto droga como gozo exclusivo, não passando pelo Outro, fica assujeitado ao objeto. Isto posto, o uso abusivo de drogas poder ser tomado como um paradigma da sociedade do consumo, a qual agencia um consumo desenfreado como ideal, forcluindo um sujeito e o tornando objeto de consumo através de um capitalismo sem regulação dos mercados, ao estilo neoliberalista.

Goze! Compre! Coma! Beba! Não sofra! Curta! Desfrute! (...) A concepção de bem-estar está intrincada no consumo dos gadgets, objetos da demanda travestidos de objetos do desejo, que prometem a sensação de realização e de felicidade, que, no entanto, logo acaba, porque rapidamente a demanda se desloca para outros objetos. Busca-se a qualquer preço o evitamento da angústia de se estar separado e/ou distante do objeto (SHIMOGUIRI, COSTA, BENELLI & COSTA-ROSA, 2019, p. 2)

Neste enquadre, a droga como objeto de consumo, emerge como mais uma possibilidade de o sujeito acabar com o mal-estar, na tentativa de tamponar sua insatisfação pulsional, que lhe é constituinte. Quando se trata de um uso exclusivo e abusivo do objeto droga, o sujeito tende a permanecer preso em uma modalidade de gozo no objeto. Com efeito, esse objeto assume a posição de um objeto da necessidade e não como um objeto de desejo (COSTA-ROSA, 2009).

A droga que antes possuía um significado místico, sobrenatural, metafísico passou a ser vista com uma mera substância que causa alterações no funcionamento fisiológico, ganhando uma atribuição de objeto a ser consumido, um gadget, sendo esvaziada do seu sentido original. Acreditamos que no momento em que a droga assume um outro estatuto, provocado pela incidência do discurso relacionado a sociedade do consumo, isso promove configurações subjetivas que estão além da lógica fálica e do desejo.

Sabemos que se o sujeito é alienado e se estrutura no Outro do discurso, falamos de uma continuidade entre o que é subjetivo (da história particular do sujeito) e o que é social, histórico, cultural. Existe, portanto, uma conexão entre a alienação subjetiva e a alienação sócio-histórica e cultural. Isso quer dizer que o desejo também é social. Na

mesma direção, o gozo é também produção social. A sociedade do consumo constitui-se, deste modo, como uma estrutura própria que promove um enquadramento de gozo que vai além do gozo fálico, deslocando o sujeito do lugar de consumidor para aquele que é consumido pela droga. O uso abusivo de drogas aparece na sociedade do consumo como mais um índice do mal-estar, como mais uma maneira pelo qual os sujeitos podem reagir às exigências do ideal do Outro.

Referências

- ARLACON, S. Drogas Psicoativas: classificação e bulário das principais drogas de abuso. In: ALARCON, S., & JORGE, M. A. S. (Orgs.). **Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012, pp. 103-129. ISBN: 978-85-7541-539-9. <https://doi.org/10.7476/9788575415399.0006>
- BAIMA, A. P. S. **O supereu como estrutural do sujeito e o consumo como ideal do Outro na contemporaneidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.
- BAUMAN, Z. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BETTS, J. A. Sociedade de consumo e toxicomania: consumir ou não ser. **Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 26, p. 65-81, jan./jul. 2004.
- BIRMAN, J. Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 17, n. SPE, p. 23-37, 2014.
- CARNEIRO, H. O uso de drogas na sociedade. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Álcool e outras drogas: da coerção a coesão**. Módulo 1. Florianópolis: UFSC, 2014.
- COSTA, A. L. L. Drogas, pagar com a carne? **Tóxico e Manias. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 26, p. 58-64, jan./jul. 2004.
- ESCOHOTADO, A. **Historia elemental de las drogas (2017)** (Spanish Edition). La Emboscadura. Edição do Kindle.

- FERREIRA, I. G. **O sujeito e as drogas**: Uma clínica para além da descrição sintomatológica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- FREUD, S. (1920-1923) **Obras completas** - Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.
- _____. (1923-1925). **Obras completas** - O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 16.
- _____. (1930-1936). **Obras completas** - O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.
- INEM, C. L. Eclipse do desejo. In. SOLER, C. **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p. 99-106.
- KEHL, M. R. Depressão, Temporalidade, Sintoma social. In: _____. **O tempo e o cão**: A atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 13-32.
- LACAN, J. (1964). **O seminário. Livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- _____. (1966-1967). **O seminário. Livro 14**. A lógica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. (1969-1970). **O seminário. Livro 17**. O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LIMA, C. H.; ALVES JÚNIOR, A. J. O mal-estar na cidade: segregação e toxicomania. In. SOLER, C. **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998, p. 55-64.
- PACHECO FILHO, R. A. Toxicomania: um modo fracassado de lidar com a falta estrutural do sujeito e com as contradições da sociedade. **Mental**, v.5, n. 9, p. 29-45, nov. 2007.
- RAMOS, C. Imperativo de gozo e a propaganda no laço social da sociedade de consumo. **Mental**, v.5, n.9, p. 101-116, nov. 2007.
- RIBEIRO, C. T. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 12, n. 2, p. 333-346, 2009.

- SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência**. 2. ed. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.
- SHIMOGUIRI, A. F. D. T., COSTA, M. F., BENELLI, S. J., & COSTA-ROSA, A. Discutindo a clínica e o tratamento da toxicomania: dos discursos à constituição subjetiva. **Psicologia USP**, 2019, v. 30.
- VALAS, P. **As dimensões do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.
- VIANNA, Alexandra de Gouvêa. A aliança do supereu com a pulsão de morte no uso de drogas. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 299-314, dez. 2014.
- TONDIN, M. C.; NETA, M. A. P.; PASSOS, L. A. Consultório de rua: Intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/2, p. 485-501, 2013.

ABSTRACT

This article sought to understand the phenomenon of drug abuse in the consumer society as a symptom in the social field, presenting itself as a sign of the consumption society. It addresses the place that the drug has taken over the discursive changes present in history, highlighting the status of merchandise that it gains in contemporary times, through the bias of the consumer society; as well as the modality of *jouissance* present in this abusive use, imposing itself as something that escapes phallic logic, articulating itself to the *jouissance* of the Other. Finally, it is argued that the mode of enjoyment in drug abuse represents a paradigmatic phenomenon of the consumption society, when the subject, instead of consuming the drug, is consumed by it, becoming an object of consumption through capitalism. without market regulation

Keywords: Drug abuse. Consumer society. Psychoanalysis. Enjoyment.

RESUMEN

En el presente artículo se buscó comprender el fenómeno del uso abusivo de drogas en la sociedad del consumo como un síntoma en el campo del social, presentándose como un signo de la sociedad del consumo. Aborda el lugar que la droga ha ido asumiendo a lo largo de los cambios discursivos presentes en la historia, evidenciando el estatus de mercancía que ella gana en la contemporaneidad, por el sesgo de la sociedad de

consumidores; así como la modalidad de goce presente en este uso abusivo, imponiéndose como algo que escapa a la lógica fálica, articulándose al gozo del Otro. Por último, se discute que el modo de disfrute en el abuso de drogas representa un fenómeno paradigmático de la sociedad del consumo, cuando el sujeto, en lugar de consumir la droga, es consumido por ella, convirtiéndose en objeto de consumo a través de un capitalismo sin regulación de los mercados.

Palabras clave: Abuso de drogas. Sociedad de consumo. Psicoanálisis. Goce.

RÉSUMÉ

Cet article a cherché à comprendre le phénomène de l'abus de drogues dans la société de consommation comme un symptôme dans le domaine social, se présentant comme un signe de la société de consommation. Il aborde la place qu'a prise la drogue dans les mutations discursives présentes dans l'histoire, mettant en lumière le statut de marchandise qu'elle acquiert à l'époque contemporaine, par le biais de la société de consommation ; ainsi que la modalité de jouissance présente dans cet usage abusif, s'imposant comme quelque chose qui échappe à la logique phallique, s'articulant à la jouissance de l'Autre. Enfin, il est avancé que le mode de jouissance dans l'abus de drogues représente un phénomène paradigmatique de la société de consommation, lorsque le sujet, au lieu de consommer la drogue, est consommé par elle, devenant un objet de consommation à travers le capitalisme sans régulation du marché.

Mots clés: Toxicomanie. Société de consommation. Psychanalyse. Jouissance.

CAMILA DE SÁ LIMA

Graduanda do Curso de Psicologia na Universidade Federal do Tocantins (UFT).

camilimasa@gmail.com

Orcid: 0000-0001-8230-104X

JAMILE LUZ MORAIS MONTEIRO

Psicóloga.

Psicanalista.

Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Doutora em Psicologia Social (PUC-SP).

Mestre em Psicologia (UFPA).

Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental (GEPSAM-UFT).

jamile@uft.edu.br

Orcid: 0000-0002-1695-2191

Citação:

LIMA, Camila de Sá; MONTEIRO, Jamile Luz Morais. O uso abusivo de drogas como signo da sociedade do consumo. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 2024.

Submetido: 25.11.2021 / Aceito: 08.01.2024

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

